

Resenha

O Tenentismo na Marinha

André Figueiredo Rodrigues

Mestre e Doutorando em História pela Universidade de São Paulo. Professor de Metodologia do Curso de Letras das Faculdades Integradas de Ciências Humanas, Saúde e Educação de Guarulhos. Bolsista FAPESP e autor dos livros Como elaborar referência bibliográfica, Como elaborar citações e notas de rodapé e Como elaborar e apresentar monografias, publicados pela Associação Editorial Humanitas / FFLCH-USP.

CASCARDO, Francisco Carlos Pereira. *O Tenentismo na Marinha*. São Paulo: Paz e Terra, 2005

A publicação do livro *O Tenentismo na Marinha* traz a público importantes discussões sobre a participação da Marinha de Guerra nos processos revolucionários da década de 1920, que colocaram em xeque o domínio das oligarquias e dos "coronéis" no cenário político brasileiro.

Os "coronéis" não monopolizavam a cena política da Primeira República (1889-1930); outros grupos, expressando diversos interesses urbanos, também tiveram papel significativo na condução da política brasileira.

Notadamente, a partir da Primeira Guerra Mundial, a presença de setores urbanos (entenda-se "classe média") no âmbito político tornou-se mais visível, ao apoiar pessoas e movimentos que levantassem a bandeira do liberalismo, capaz de levar à prática as normas da Constituição e as leis do País, transformando a república das oligarquias em república liberal. Isso significava, entre outras coisas, eleições não fraudulentas e respeito aos direitos individuais.

Os ajustes e desgastes entre a oligarquia nas sucessões presidenciais ganharam novos contornos, pois a crítica à política do café-com-leite – alusão à aliança entre São Paulo (café) e Minas Gerais (leite), que se revezavam no poder político nacional – era intensa. Exemplo disso, ocorreu na disputa pela sucessão do Presidente Epitácio Pessoa. O eixo São Paulo-Minas lançou como candidato, em 1921, o Governador mineiro Artur Bernardes. O Rio Grande do Sul, sob a liderança de Borges de Medeiros, levantou-se contra essa candidatura denunciando o arranjo político como uma forma de garantir recursos para os esquemas de valorização do café, quando o País necessitava de finanças equilibradas. Os gaúchos, junta-

mente com outros Estados, lançaram como candidato de oposição o fluminense Nilo Peçanha.

Foi no curso da disputa eleitoral que veio à tona a insatisfação militar. Para as Forças Armadas, a candidatura de Artur Bernardes era antimilitar, devido à publicação de duas cartas, contendo ofensas aos militares e atribuídas a Bernardes, pelo jornal *Correio da Manhã*, em outubro de 1921. A veracidade das cartas não foi confirmada. Pouco antes das eleições de 1ª de março de 1922, dois falsários assumiram a autoria dos documentos. O episódio das epístolas falsas atribuiu a relação do futuro presidente com as Forças Armadas.

No entreato das disputas políticas, jovens aviadores navais da Ilha das Enxadas planejaram um ataque aéreo contra o Presidente da República Epitácio Pessoa e sua comitiva quando regressavam, em 28 de abril de 1922, de Petrópolis para o Rio de Janeiro.

Cumprir destacar que este fato, de maneira inovadora, deu início às rebeliões tenentistas – conhecidas assim porque teve como suas principais figuras oficiais intermediários do Exército: tenentes e capitães.

De modo inovador, a obra do Comandante Cascardo rompe com a visão dominante na historiografia, a de que o movimento tenentista se iniciou com a revolta do Forte de Copacabana, ocorrida no Rio de Janeiro em 5 de julho de 1922 e que deu origem ao episódio-símbolo do Tenentismo – os Dezoito do Forte. O Tenentismo começou dois meses e meio antes, com os aviadores navais, no episódio de 28 de abril de 1922.

A historiografia descreve, ainda, o Tenentismo como um movimento de jovens oficiais do Exército contra a corrupção polí-

tica da Primeira República, não considerando o que ocorreu em paralelo na Marinha.

A partir da questão "Teria a Marinha participado desse movimento, ou ele ficou restrito ao Exército?" (p. 25), Francisco Cascardo rompe o silêncio da Marinha, levando à oficialidade naval e aos interessados em geral o conhecimento que prestaram oficiais e praças ao Tenentismo, como o levante da Flotilha do Amazonas e a Conspiração Protógenes.

Valendo-se de uma ampla documentação, sobretudo inédita, o autor dividiu o livro em três partes. Na primeira – A Formação das Tormentas – apresenta os fatos que mais contribuíram para o surgimento do Tenentismo, como a insatisfação, nas Forças Armadas, gerada pelo Presidente Epitácio Pessoa, contrariando prática adotada desde a Proclamação da República, ao nomear ministros civis para as pastas militares.

Nessa primeira parte podemos acompanhar, ainda, o ambiente das disputas eleitorais que levou Artur Bernardes à Presidência da República em 1922.

A segunda parte – 1924: O Ano das Revoluções – apresenta as três contestações armadas partidas da Marinha contra o governo de Artur Bernardes: os levantes da Flotilha do Amazonas (a flotilha constituía-se de quatro pequenos navios apropriados para navegação fluvial) e do 27^a Batalhão de Caçadores, sediados em Manaus, e que conquistaram durante um mês as principais cidades do Amazonas; a Conspiração Protógenes e o Levante do Encouraçado *São Paulo* secundado pela Torpedeira *Goiás*.

Em 1924, enquanto irrompiam conflitos regionalizados no Norte e no Nordeste do Brasil, em São Paulo a onda revolucionária tenentista contou com a participação do Capitão-de-Mar-e-Guerra Protógenes Pereira Guimarães, que organizou, no Rio de Janeiro, um movimento de apoio aos revoltosos paulistas, que objetivava incitar levantes em diversos pontos da capital federal, pretendendo depor o governo; criar uma junta governativa; convocar uma Constituinte; e anistiar presos políticos. Descoberta a

conspiração, Protógenes foi preso. Em 1927 foi solto, sendo reformado em junho do ano seguinte. Tendo em vista a vitória da Revolução de 1930, foi nomeado ministro da Marinha em 1931.

O levante de maior ressonância na Marinha foi a revolta do Encouraçado *São Paulo*, liderada pelo Primeiro-Tenente Herculino Cascardo (pai do Comandante Francisco Carlos Pereira Cascardo), em novembro de 1924.

As histórias deste navio são contadas na terceira parte do livro – 1924: A Saga do Encouraçado *São Paulo*. Com narrativa instigante, o Comandante Cascardo nos mostra que depois de trocar tiros com as Fortalezas de Santa Cruz e Copacabana, em 4 de novembro, o *São Paulo* partiu para o alto-mar em direção ao Sul do Brasil, com a intenção de se juntar aos revolucionários do Rio Grande do Sul que se sublevavam contra o governo federal desde o mês de outubro, sob a liderança de Luís Carlos Prestes.

Devido a problemas climáticos, o navio não conseguiu aportar no litoral gaúcho. Com dificuldades para continuar sua jornada revolucionária, os tripulantes e o Primeiro-Tenente Herculino Cascardo partiram em direção ao Uruguai, onde solicitaram asilo político.

A ação travada pela embaixada brasileira para que o governo uruguaio aprisionasse os revoltosos e os entregasse para serem julgados no Brasil perpassa os últimos capítulos do livro, assim como a recepção oferecida pelos habitantes de Montevideu aos sediciosos brasileiros e as reportagens realizadas pela imprensa (uruguaia, argentina e brasileira) às ações dos tripulantes do Encouraçado *São Paulo*.

Como última tentativa revolucionária, 25 marinheiros partiram de Montevideu para Rivera – fronteira com o Brasil – num trajeto de 500 quilômetros, a fim de se unirem aos revoltosos gaúchos liderados pelo General Isidoro Dias Lopes, que estavam em Foz do Iguaçu. Os combates realizados em Galpones, descritos na obra como um dos mais trágicos do movimento tenentista, terminaram com a morte de 41 revoltosos, dos

quais 12 por degola, entre eles oito marinheiros. A saga dos tripulantes do Encouraçado *São Paulo* (membros da Marinha) terminou de maneira trágica.

Por estas histórias e outras contadas em suas mais de 800 páginas, a obra do Comandante Cascardo merece ser conhecida. O tema do Tenentismo, aliás, conhecido por sua faceta no Exército, é amplamente discutido por extensa bibliografia, que o vê como um dos fatos dominantes para a origem da "re-

volução brasileira" dos anos de 1930. O Tenentismo na Marinha analisa o movimento no momento de sua criação, ao realizar exame profícuo da multifacetada sociedade em que surgiu, em seus diferentes níveis de articulação, através do qual se percebe o calor da hora que provocou o aparecimento de marinheiros e oficiais que se sublevaram contra a ordem política vigente.

Eis, portanto, seus avanços e méritos no estudo do tema.